

# Os livros escolares da Bibliothèque Bleue<sup>1</sup>:

arcaísmo ou modernidade?

Jean Hébrard\*

Tradução: Laura Hansen e  
Maria Rita de Almeida Toledo\*\*

O artigo analisa a produção e a circulação dos livros editados pelos impressores da Champagne, destinados aos escolares ou aos leitores que “querem aprender sem mestre”, entre os séculos XVII e XIX, na França. Analisa o itinerário das cartilhas, abecedários, gramáticas e aritméticas editadas sob a fórmula editorial denominada de *Bibliothèque Blue*, destacando os dispositivos editoriais mobilizados para atingir os diferentes mercados visados por essas edições, assim como as adaptações, modificações e conversões que textos produzidos com outras destinações sofreram para serem convertidos em livros da *Bibliothèque Blue*.

The article analysis the production and circulation of the books edited by the pressmen of Champagne, designated to the scholars or readers that “wanted to learn without masters”, in between the XVIIth and XIXth centuries in France. It analysis the itinerary of the spellers, abecedary, grammars and arithmetic’s edited under the editorial formula denominated *Bibliothèque Blue*, adopted by these editors, salienting the editorial devices mobilized to reach the different markets aimed by these editions, as the adaptations, modifications and conversions that the texts produced with others destinations, suffered to be converted in books of the *Bibliothèque Blue*.

---

1 O tipo peculiar da Bibliothèque Bleue é comparável à literatura de cordel, podendo ser o título traduzido por “livros escolares da literatura de cordel”. Optamos por manter o nome original em francês (nota das tradutoras).

\* Jean Hébrard, École des Hautes Études em Sciences Sociales. Paris.

\*\* Laura Hansen é formada em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é doutoranda do Laboratoire de Psychopathologie Fondamentale da Universidade Paris 7 – Denis Diderot.

Maria Rita de Almeida Toledo é professora doutora do programa de estudos pós-graduados em educação: história, política, sociedade, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Os impressores da Champagne, da primeira metade do século XVII, adotam uma fórmula editorial da qual eles talvez não sejam os inventores, mas que graças a eles se impõe durante mais de dois séculos sob a denominação de *Bibliothèque Bleue*<sup>2</sup>. Conhecem-se sobretudo os almanaques, os livros farsescos ou os romances medievais. Todavia, os Oudot ou os Garnier – para se restringir às duas principais dinastias instaladas em Troyes – cedo tratam outros tipos de textos, como, por exemplo, as obras pertencentes a tradição letrada<sup>3</sup> e, ao contrário, os opúsculos de vocação prática ou informativa<sup>4</sup>. Em todo o caso, os textos são preparados, *mis en page* e impressos segundo os cânones específicos que visam adaptá-los a um público maior, eventualmente mal alfabetizado e com poder de compra módico. Eles são difundidos pelos vendedores ambulantes nas cidades rurais e atendem aos leitores os mais variados<sup>5</sup>.

Entre os “livros práticos”, os instrumentos da devoção ordinária (horas, salmos, artes de morrer, vida de santos etc.) têm um lugar importante. Os livros de informação técnica (receitas de cozinha, de medicina, de predição ou de magia, trato de animais, regras de jogos de sociedade<sup>6</sup>

---

2 Existem numerosos estudos sobre a *Bibliothèque Bleue*. Veja a bibliografia estabelecida por Giovanni Dotoli e Paolo Carile, “Appendice bibliografica”, *Quaderni del seicento francese*, vol. 4, *La “Bibliothèque Bleue” nel seicento o della letteratura per il popolo*, Bari, Adriatica et Paris, Nizet, 1981.

3 Roger Chartier, *Figures de la gueuserie*, Paris, Montalba, 1982.

4 Dois domínios entre esses diferentes tratados práticos foram particularmente mais estudados: os livros de receitas (*La cuisinière François*, textes présentés par Jean-Louis Flandrin, Philip et Marie Hymen, Paris, Montalba, 1983) e os de secretários (Roger Chartier, “Des ‘secrétaires’ pour le peuple”? Les modèles épistolaires de l’Ancien Régime entre littérature de cour et livres de colportage”, *La Correspondance. Les Usages de la lettre au XIXe siècle*, sous direction de Roger Chartier, Paris, Fayard, 1991, pp. 159-207).

5 Roger Chartier, “Lectures populaires et stratégies éditoriales”, *Histoire de l’édition française*, sob a direção de Roger Chartier e Henri-Jean Martin, Paris, Promodis, t.1, *Le livre conquérant. Du Moyen Âge au milieu du XVIIe siècle*, 1982, pp. 585-603. Ver também a coletânea de textos de Roger Chartier sobre esta questão organizados em *Lectures et lecteurs dans la France d’Ancien Régime*, Paris, Le Seuil, 1987.

6 Os livros de jogos de sociedade referem-se aos jogos como os de carta, os de estratégia (xadrez, dama etc.), jogos de dados etc. (nota das tradutoras).

etc.) não são menos numerosos. Encontram-se também, na produção de Troyes, livros didáticos destinados aos escolares ou àqueles que querem “aprender sem mestre”. É nesse aspecto ainda mal conhecido da atividade dos impressores da Champagne que se debruçará este artigo, ensaiando analisar a maneira pela qual a forma “livro de cordel” afeta os textos específicos destinados à instrução.

As contagens efetuadas por Henri-Jean Martin<sup>7</sup> permitem calcular aproximadamente a parte do livro escolar da produção dos impressores da Bibliothèque Bleue. Após ter comparado o catálogo Alfred Morin (quer dizer, o repertório dos objetos conservados por um colecionador) e o inventário pós-morte do fundo Garnier, em 1789 (quer dizer, o estoque do impressor), ele considera que, no fim do século XVIII, de 4% a 5% dos títulos impressos em Troyes, na forma de livros de cordel, são livros escolares *stricto sensu*. O escore é considerável, mesmo que ele esteja muito atrás dos romances de cavalaria (entre 8% e 13%) e continue inferior aos contos de fadas (entre 5% e 6%) ou os livros de vida de santos (entre 5% e 8%). Pode-se tentar descobrir o que esses números encobrem na realidade?

## Abecedários aos milhares

Mesmo antes de examinar os tipos disponíveis, é possível imaginar as razões que impulsionam os impressores de Troyes a fabricar livros de uso escolar. Em uma França do Nordeste já bem alfabetizada no século XVII, provida de uma importante rede de escolas paroquiais<sup>8</sup>, esse tipo de obra, pela demanda que se pode esperar, representa um importante tipo de renda. No mais, os livros enquadram-se perfeitamente no modelo dos impressos da Champagne: livros com poucas páginas, textos que

---

7 Henri-Jean Martin, “Culture écrite et culture orale, culture savante, et culture populaire dans la France d’Ancien Régime”, *Journal des savants*, juillet-décembre 1975, pp. 225-285.

8 François Furet et Jacques Ozouf, *Lire et écrire. L’alphabétisation des Français de Calvin à Jules Ferry*, 2 vols., Paris, Éd. de Minuit, 1977.

se repetem indefinidamente, grandes tiragens, larga difusão por meio dos vendedores ambulantes. Entre os livros de uso escolar, o abecedário<sup>9</sup> é aquele que, certamente, representa a maior promessa de venda. Com o nome de *Instruções cristãs* – é assim que são chamados na França do Leste –, ele é por excelência livro do escolar iniciante e, freqüentemente, o único livro que ele possui. É verdade que ele oferece, em um mesmo conjunto, os instrumentos da primeira alfabetização e os textos essenciais da liturgia católica.

As empresas de Troyes não têm o monopólio de sua produção. O abecedário é, efetivamente, um dos produtos de base de todos os pequenos impressores, particularmente, o da província. Uma prensa e algumas fundições de caracteres<sup>10</sup> são suficientes para imprimir um abecedário. É o investimento mínimo necessário para o trabalho da cidade na qual vivem os minúsculos ateliês, que ainda são os mais numerosos no século XVII. A enquete de 1700, sobre a situação da livraria francesa, explorada por Claude Lannette-Claverie<sup>11</sup>, permite ver o lugar ocupado por esses opúsculos nas produções dos impressores.

De fato, no começo do século XVIII, o *Bureau de la librairie*, que acabara de ser organizado para controlar a produção, procura recensear as impressões em curso. Na comunidade de Limoges, quatro em dez editores têm abecedários sob a prensa, são os menores entre eles (Pierre

---

9 Sobre os abecedários na época Moderna, dispõem-se apenas de estudos parciais. Para uma boa introdução sobre a questão, ver Dominique Julia, “Livres de classe et usages pédagogiques”, *Histoire de l’édition française*. Sob direção de Roger Chartier e Henri-Jean Martin, Paris, Promodis, t. 2, *Le Livre triomphant (1660-1830)*, 1984, pp. 468-497. De ambos os lados, do período que nos interessa aqui, pode-se consultar Danièle Alexandre-Bidon, “La lettre volée. Apprendre à lire à l’enfant au Moyen Âge”, *Annales E. S. C.*, juillet-août 1989, 4, pp. 953-992; Pierre Aquilon, “De l’abécédair aux rudiments: les manuels élémentaires dans la France de la Renaissance”, *L’Enfance et les ouvrages d’éducation*, vol. 1, Nantes, 1983, pp. 51-72; Segolène Le Men, *Les Abécédaires français illustrés du XIXe siècle*, Paris, Promodis, 1984.

10 Para um estudo dos tipos usados no período, consultar Emanuel Araújo, *A construção do livro*, cap. 5, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986 (nota das tradutoras).

11 Claude Lannette-Claverie, “La librairie française en 1700”, *Revue française du livre*, janvier-juin 1972, pp. 3-43.

Bardou, o grande impressor de Limoges, não faz parte do grupo e apenas se ocupa de clássicos para o colégio). Aqueles da Champagne são 8 em 27 impressores com suas formas ocupadas pelos abecedários. Anne-Claude Quéry, de Sainte-Menehould, toma o cuidado de precisar que ela, ordinariamente, só imprime o “*Le trésor dévot*, votos de Natal e os ABCs para as crianças”. Como os seus confrades de Limousin, ela deve consagrar o essencial de seu tempo para os trabalhos requeridos pela cidade.

Ao contrário, os seis impressores propriamente de Troyes, que têm em curso a produção de abecedários, são os especialistas da Bibliothèque Bleue: Jean Adenet, Gabriel Briden, Jacques Febvre, Pierre Garnier, Jacques Oudot e Jean Oudot, seu irmão. Os mais importantes entre eles assinalam, aliás, a riqueza de seus catálogos nesse domínio. Febvre faz “abecedários de diferentes formas”; Garnier, “alfabetos de uma folha, uma folha e meia e de três folhas”; Jacques Oudot, “ABC de uma folha e de grandes ABCs de três folhas”. Febvre toma cuidado em precisar que ele distribui os seus na livraria parisiense Musier. Trata-se aqui de todo um outro modelo de produção.

O exame dos inventários, realizado em 1722 na impressora dos Oudot<sup>12</sup>, permite refinar a análise. A avaliação acontece, certamente, depois da ascensão de Jean Oudot a mestre-impressor (1699-1745). Este que, até então, trabalhava como operário com seu irmão Nicolas no ateliê de sua mãe, Anne Havard, viúva de Jacques II Oudot, encontra-se em posição de aspirar à sucessão familiar, no momento da morte de seu irmão. Como Nicolas tem filhos menores para os quais deveriam ser preservados os direitos, fez-se necessário um inventário de partilha.

O detalhe das folhas impressas entrepostas em diferentes lugares da casa permite avaliar a importância ocupada pelos abecedários e de imaginar o que poderiam ser as tiragens. Encontram-se efetivamente:

---

12 A. D. Aube, 2E 11/53 – minutes Jolly. Agradeço sinceramente Michel Turquois pela ajuda que ele me forneceu na leitura desse documento e pela retificação que ele fez da genealogia geralmente admitida dos Oudot. Sem ele, os acontecimentos que se deram na ocasião desse inventário restariam um negócio obscuro.

- 25 dúzias de alfabetos por sílabas
- 8 doze dúzias de abecedários, metade pergaminho
- 30 doze dúzias de ABC em papel
- 26 doze dúzias de ABC
- 8 dúzias de ABC
- 40 dúzias de ABC encapados com papel vermelho.

Perfazem mais de 10 mil exemplares aos quais seria necessário somar os alfabetos que se encontram, entre os outros títulos, num lote de 198 ramas e 4 mãos de folhas ainda não dobradas. A título de comparação, para os livros de salmos, uma das produções importantes da empresa, não se contam mais de 6 mil exemplares (mais de uma vintena de ramas). Quanto aos livros de horas, fabricados também para as livrarias de numerosas dioceses distantes, encontram-se apenas 1.500 exemplares no estoque. Uma das outras grandes tiragens, *Le Miroir de la confession*, atinge apenas 2 mil exemplares. Isso indica a importância da produção dos abecedários.

Essa abundância concerne, é verdade, um produto particularmente de baixo preço. O abecedário vale, no impressor, 3 *sols* a dúzia, quando é encadernado em pergaminho, e 2 *sols* e 6 *deniers*, quando é apenas encadernado em papel. O silabário atinge 16 *sols* a dúzia. A título de comparação, um livro de salmo ordinário é avaliado em 40 *sols* a dúzia, o meio encadernado em pergaminho vale 19 *sols* e o um quarto, 10 *sols*. No mesmo registro de preços que os abecedários, há as coletâneas de cantigas de peregrinação (2 *sols* e 6 *deniers* a dúzia), as coletâneas de preces (3 *sols*) ou *Les miroirs de la confession* (quase 4 *sols*). O romance de cavalaria é mais caro (entre 8 *sols* e 17 *sols* a dúzia, segundo o número de folhas).

Entre o começo e o fim do século XVIII, a produção parece continuar estável para os editores de Troyes. No inventário Garnier de 1789, analisado por Henri-Jean Martin, existem entre 12 mil e 15 mil abecedários estocados nas lojas.

Uma tal produção não pode, evidentemente, destinar-se apenas às escolas da Champagne. Os editores da Bibliothèque Bleue são, *avant la lettre*, os atacadistas de livros escolares que produzem para atender seus

confrades das grandes cidades e os alimentam regularmente com livros elementares. Nessa direção, eles trabalham diferentemente dos editores clássicos que parecem estar, na maior parte, ligados aos colégios das vizinhanças e fazem, para seu uso e à medida de suas necessidades, pequenas tiragens de textos latinos e gregos e de “folhas clássicas”<sup>13</sup>. Em Troyes, Jacques Febvre, impressor e livreiro oficial do colégio, é o único a praticar esse gênero de impressão como Barbou o faz em Limoges<sup>14</sup>.

Essa primeira aproximação da edição escolar de Troyes parece chegar a conclusões que não surpreendem. O abecedário, barato e de fácil produção, é um pólo importante da produção dos impressores da Champagne. O abecedário situa os impressores ao lado de uma tradição editorial que se apóia nas obras sem autoria, repostas ano após ano sem a preocupação de inovar, em um domínio no qual a permanência e a perenidade continuam os maiores critérios de uma qualidade que se obtém sem grandes despesas. Como seus outros títulos, o abecedário não está destinado somente ao uso local, mas permite prover os vendedores ambulantes, assim como os livreiros das grandes cidades que difundem produtos desse tipo.

Todavia, o abecedário não é a única obra escolar fabricada pelos Garniers ou pelos Oudots. Encontram-se, efetivamente, nos catálogos dos impressores da Champagne muitos outros títulos de opúsculos que podem ser utilizados a fim de instruir as jovens crianças escolarizadas nas diversas instituições que, nos séculos XVII e XVIII, compartilham essa função. No entanto, é delicado consignar cada um desses títulos à ordem escolar. As mesmas obras têm, com efeito, múltiplos usos, e a

---

13 Ver François de Dainville, “Livres de comptes et histoire de la culture”, *L'éducation des Jésuites*, textos reunidos e apresentados por Marie-Madeleine Compère, Paris Éd. de Minuit, 1978, pp. 279-307; ver também Dominique Julia, “Livres de classe et usages pédagogiques”, op. cit. Sobre os impressores que trabalhavam para os colégios, ver L. Desgraves, “Les impressions bordelaises de l'inventaire après décès de Jacques Millanges”, *Revue française d'histoire du livre*, 14, 1977, pp. 21-72; e P. Ducourtieux, *Les Barbou imprimeurs Lyon-Limoges-Paris*, Limoges, 1896.

14 Claude Lannette-Claverie, op. cit.

transmissão dos saberes elementares não implica obrigatoriamente a sua escolarização. É então necessário, antes de ir além na exploração dos diversos inventários da Bibliothèque Bleue hoje disponíveis, melhor demilitar os limites de um gênero – o livro escolar – que na época Moderna não está desprovido de ambigüidades.

## O mercado do livro escolar no tempo da Bibliothèque Bleue

O tecido escolar do Antigo Regime é suficientemente diversificado<sup>15</sup> para que a questão dos livros de classe utilizados nos diferentes tipos de escolas permaneça difícil de esclarecer. Do lado da formação dos clérigos, as coisas são simples. Os colégios, cujo funcionamento didático<sup>16</sup> começa ser mais bem conhecido, são estruturados segundo as regras das ordens religiosas que os sustentam. Uma certa homogeneidade

---

15 Roger Chartier, Marie-Madeleine Compère et Dominique Julia, *l'Éducation en France du XVIe au XVIIIe siècle*, Paris, SECES, 1976. Os trabalhos recentes não pararam de complicar o esquema tradicionalmente estabelecido que opõe as pequenas escolas paroquiais e as escolas de caridade. As escolas controladas e financiadas pelas autoridades comunais laicas são também numerosas e variadas. Elas empregam regentes de diferentes estatutos. Os regentes-escrivães do Languedoc foram estudados por Dominique Blanc ("Les saisonniers de l'écriture. Régents de village en Languedoc au XVIIIe siècle", *Annales E. S. C.*, juillet-août 1988, 4, pp. 867-895). É necessário aproximá-los dos regentes-tabeliões que Pierre Gaspard estuda no principado de Neuchâtel no século XVIII e que são encontrados no Jura (sobre estes últimos, ver Louis Borne, *L'Instruction populaire en Franche-Comté avant 1792*, Besançon, Imprimerie de l'Est, 1949, t. I, pp. 35-136). Descobri, além de antigos mestres de escrita e aritmética que abandonaram suas oficinas (é o caso particular, do interior da região de Marselha, por causa da recusa dos *échevins* [magistrados municipais] dessa cidade de lhes expedir as cartas patentes para o estabelecimento de sua corporação), os mestres de escrita da "confraria dos mestres-escrivães, gramáticos e de escola" de Dijon, raro exemplo de corporação que aceita nos séculos XVII e XVIII mestres-escola (A. C. Dijon, G39).

16 Marie-Madeleine Compère, *Du Collège au Lycée (1500-1850)*, Paris, Gallimard-Julliard, 1985; assim como Marie-Madeleine Compère e Dominique Julia, *Les Collèges français, XVIIe – XVIIIe siècle. Répertoire*, Paris, INRP et CNRS, 1984-1989 (2 vols.). Uma nova tradução dos regulamentos pedagógicos jesuítas foi

preside, portanto, as escolhas efetuadas pelos responsáveis dos programas anuais, mesmo que a produção dos livros clássicos continue local. As contas do livreiro Leroux de Rodez, que serve as famílias das quais saem as crianças que freqüentam o colégio da cidade, sob o reinado de Luís XIV, permitem que se faça uma idéia dos livros que essas utilizam<sup>17</sup>. No essencial são edições “clássicas” das humanidades latinas (Cícero, Virgílio, Horácio, Ovídio etc.) acompanhadas dos manuais (gramáticas, dicionários, livros de retórica, e coletâneas de lugares-comuns) que possibilitam a leitura e o uso daquelas obras.

A dispersão de títulos, devido à renovação dos programas, os fracos efetivos dos colégios, a especificidade dos cursos colocados em cena pelas diferentes congregações dedicadas ao ensino conduzem às cifras insuficientes de tiragens para interessar verdadeiramente os impressores da Bibliothèque Bleue.

Em um só momento de sua história, os colégios do Antigo Regime estiveram na origem de uma tentativa editorial mais ambiciosa do que aquela que consistia em fabricar sob demanda as obras necessárias. Em 1776, o editor parisiense Nyon, que tem uma loja perto do colégio das *Quatre Nations*, vê-se encarregado pelo Conde de Saint-Germain de imprimir os manuais oficiais que o abade Batteux redigiu para o conjunto das escolas militares francesas. Nyon pensa ter ali um mercado de bons resultados<sup>18</sup>, sem contar com o particularismo das congregações que dirigem essas escolas e que conseguem, na volta às aulas, utilizar seus próprios livros. Os títulos, por volta de 50, que constituem a coleção, amontoam-se no depósito do editor e, após a Revolução, ainda são liquidados pelos descendentes do editor para os chefes dos estabelecimentos que querem utilizar os livros como prêmios.

---

publicada na França: *La Ratio studiorum: plan raisonné et institution des études dans la compagnie de Jésus*, apresentado por R. P. Adrien Demaustieres e Dominique Julia, traduzido do latim por Léonine Albrieux e Dolorès Pralions-Julia, com comentários de Marie-Madeleine Compère, Paris, Belim, 1997.

17 François de Dainville, “Livres de comptes et histoire de la culture”, op. cit., pp. 281-282.

18 Dominique Julia, “Livres de classe et usages pédagogiques”, op. cit., pp. 493-495.

Ao lado dos colégios, desenvolveram-se, ao longo do século XVIII<sup>19</sup>, de maneira rápida, as pensões particulares (quer dizer, escolas dependentes da estrita iniciativa privada do mestre que decide abri-la). Nelas são escolarizadas as crianças das burguesias urbanas e até aquelas da nobreza menos abastada. A orientação desses estabelecimentos é influenciada pelo Iluminismo e aí se estuda mais o francês que o latim. Isso implica outras obras diferentes daquelas utilizadas nos colégios: gramáticas francesas (e não mais latinas), livros de história da França ou de geografia, livros de ciências etc. São livros complexos, freqüentemente ilustrados com gravuras em talho-doce, portanto caros, que supõem cuidados com a qualidade ausente nas oficinas de Troyes. Eles são, em geral, feitos em Paris ou em cidades grandes das províncias pelos editores generalistas ou que, por vezes, se especializaram em obras desse tipo. Talvez as tiragens desses livros já fossem mais importantes que as dos clássicos latinos e gregos. O fato de as congregações religiosas que têm escolas para as meninas – aquelas das ursulinas em particular – utilizarem o mesmo tipo de material<sup>20</sup> deve, certamente, ter aumentado um pouco as cifras de tiragem. Nenhum estudo permite, por enquanto, conhecê-las com certeza.

Restam os celeiros de pequenas escolas rurais, de escolas paróquias ou particulares e de escolas de caridade urbanas, e até aquelas minúsculas regências latinas que concernem aos efetivos de alunos muito mais

---

19 Philippe Marchand, “Un modèle éducatif original à la veille de la Révolution: les maisons d’éducation particulière”, *Revue d’histoire moderne et contemporaine*, 1975, 22, pp. 549-567; Maurice Garden, “Écoles et maîtres: Lyon au XVIIIe siècle”, *Cahiers d’histoire*, 21, 1-2, 1976, pp. 133-156; Marcel Grandière, “L’Éducation en France à la fin de l’Ancien Régime: les maisons d’éducation”, *Revue d’histoire moderne et contemporaine*, 1986, 33, pp. 440-462.

20 Martine Sonnet, *L’Éducation des filles au temps des Lumières*, Paris, CERF, 1987. Ver também Isabelle Havelange, “La littérature destinée aux demoiselles, 1750-1830”, *Le Magasin des enfants. La littérature pour la jeunesse (1750-1830)*, sob direção de Lise Andriès, Catalogue de l’exposition “Le Magasin des enfants”, Ville de Montreuil, Bibliothèque Robert-Desnos, 1<sup>er</sup> décembre 1988 – 28 janvier 1989, Montreuil, Ville de Montreuil (Bibliothèque Robert-Desnos) et Association Bicentenaire-Montreuil, 1988, pp. 9-40.

expressivos. Fora das escolas de caridade de La Salle<sup>21</sup> que, no século XVIII, parecem desenvolver muito rapidamente suas próprias redes de edição escolar (os livros são emprestados gratuitamente às crianças), os regentes ou mestres dessas incontáveis classes mantêm o hábito de trabalhar com instrumentos heterogêneos levados por seus alunos. Heterogêneos, mas não heteróclitos. Com efeito, como tentamos demonstrar em outras ocasiões<sup>22</sup>, a formação elementar que prevalece, na França, na época Moderna, é herdeira das tradições bem estabelecidas e mantiveram desses diferentes modelos instrumentos específicos. Sua coabitação nas classes não é um sinal de incoerência pedagógica, mas o indício de que as diferentes maneiras antigas de se trabalhar, há muito tempo dissociadas, estão, entre os séculos XVII e XVIII, em processo de amalgamento.

No fim do reinado de Luís XIV, a preparação para a comunhão e a transmissão dos saberes elementares – ler, escrever, contar – tornaram-se assim os objetivos mais ou menos explicitados da escolarização. Esse programa já moderno resulta da confluência de três correntes distintas, de três tradições culturais. A primeira, certamente a mais antiga, é proveniente da antiga formação dos clérigos que foi organizada na Idade Média em torno dos mosteiros, dos cursos episcopais ou das capelas. A instrução era aí concebida como a transmissão da língua administrativa e litúrgica, o latim, que convinha aprender a ler e a escrever. É esse modelo que progressivamente se seculariza e se torna o ponto de partida da educação familiar que precede a entrada na faculdade de artes ou, a partir do século XVI, no colégio. Quando as famílias passam a não ter mais essa condição, as crianças são confiadas a insti-

---

21 Sobre a modalidade de funcionamento das escolas de caridade, ver J.B. de La Salle, *Oeuvres complètes*, Paris et Rome, Éditions des Frères des écoles chrétiennes, 1994; Yves Poutet, *Le XVIIe siècle et les origines lasalliennes. Recherches sur la genèse de l'oeuvre scolaire et religieuse de J. B. de la Salle (1651-1719)*, Rennes, Imprimeurs réunis, 2 vols., 1970; Yves Poutet, *Genèse et caractéristiques de la pédagogie lasallienne*, Paris, Éditions Don Bosco, 1995.

22 Jean Hébrard, “A escolarização dos saberes elementares na época moderna”, *Teoria & Educação*, 2, 1990. Não retomaremos a bibliografia indicada nas notas deste artigo dado o rápido resumo que aqui apresentamos.

tuições escolares provenientes das antigas escolas monásticas ou episcopais mantidas, desde o fim da Idade Média, pelos graduados das universidades. Essas escolas, geralmente municipais, transformam-se, no século XVI, em regências latinas, particularmente quando elas não podem ser confiadas a uma congregação suscetível de transformá-las em colégio. Ler, escrever, aprender os rudimentos do latim são os exercícios principais. Eles se fazem sobre o abecedário, os livros de salmos e a gramática latina. A partir do século XVI, essa última é freqüentemente o primeiro volume do *Despautère*, este, precisamente consagrado aos rudimentos<sup>23</sup>.

A segunda corrente é proveniente de uma tradição totalmente diferente, é aquela que se constitui nas grandes empresas mercadoras dos séculos XIII e XIV, na Itália ou na zona hanseática. Ali se aprende a escrever na língua que se fala todos os dias. Inicia-se a arte da correspondência (que trata de transmitir as realizações do comércio ou das informações sobre as probabilidades do mercado) e aquela da aritmética que permite manter os livros de contas. A difusão dessa cultura nas camadas da burguesia mercante ou artesã das cidades – a partir do século XV na França – constitui um dos eixos importantes da transmissão dos saberes elementares. Os escrivães e aritméticos<sup>24</sup>, que se instalam quase sempre nas cidades mercantes, como secretários e contadores independentes, transformam-se progressivamente em mestres da escritura e da aritmética. Freqüentemente, organizados em corporações,

---

23 Jean Hébrard, “L’évolution de l’espace graphique d’un manuel scolaire: le *Despautère* de 1512 à 1759”, *Langue française*, 59, septembre 1983, pp. 68-87; Jean Hébrard, “Por uma bibliografia material das escritas ordinárias (França – séculos XIX e XX)”, *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 1, São Paulo, Editora Autores Associados, jan-fev 2001.

24 Sobre o mestre de escrita e aritmética na França, na época Moderna, ver Christine Métayer, *La Corporation des maîtres – écrivains jurés de Paris sous l’Ancien Régime*, thèse pour la maîtrise des arts, Quebec (p.Q.), Université Laval, 1989 (multigraphié), assim como “De l’école au Palais de Justice: l’itinéraire singulier des maîtres-écrivains de Paris (XVIe – XVIIIe siècles)”, *Annales E.S.C.*, 5, 1990, pp.1.217-1.237. Ver também Jean Hébrard, “Des écritures exemplaires: l’art du maître écrivain en France entre XVIe et XVIIIe siècle”, *Mélanges de l’École française de Rome*, 107/2, 1995, pp. 473-523.

propõem seus serviços a particulares. Crianças – são adolescentes já escolarizados – mercadores, ou artesãos vêm procurar nas suas lojas os saberes que lhes permitirão assumir a sucessão de seus pais: a arte de escrever e aquela da ortografia graças a qual se pode manter uma correspondência profissional ou privada, aquela da aritmética e da manutenção das contas que permite não mais utilizar as *comptes-faits* (quer dizer, as tabelas com os resultados parecidos com aqueles que Barème publicou). Os instrumentos livrescos provenientes dessa tradição são, de uma parte, a aritmética em língua vulgar cuja existência, na França, é anterior àquela da imprensa e, de outra parte, os tratados da ortografia que dizem – sem as complexidades da gramática – como convém escrever as palavras mais difíceis. A eles se juntam, por vezes, as “secretárias”, ou seja, as artes da correspondência já evocadas, que dão aos alunos que já deixaram seus mestres os modelos para todas as ocasiões da vida cotidiana ou profissional.

A terceira corrente é mais tardia, porém mais bem conhecida. Nascida com as Reformas, também mais protestante que católica, ela é certamente o ponto de partida de uma escolarização largamente popular senão universal. Sua empresa é, com efeito, a “Ciência da Salvação” que, a partir do século XV, parece – em razão do vigor e da vulgarização das controvérsias teológicas – não poder mais se abster da escrita, única garantia do rigor doutrinal, mesmo quando não concerne mais que a profissão de fé ou as preces elementares. O sermão ou a catequese oral dominical não são mais suficientes para assegurar a formação cristã. É necessário, por uma aprendizagem eficaz da leitura, dar a cada um a possibilidade de assegurar sua fé nos diferentes livretos que acompanham, desde então, os trabalhos e os dias do cristão: catecismo, artes de confissão ou de comunhão, artes de morrer, horas, livros de salmos, exercícios cristãos, ou coletâneas de preces e cantos, *Évangiles du dimanche* ou *Imitation de Jésus Christ*. No meio protestante, apenas os títulos mudam. Os diferentes opúsculos em uso, entre a proclamação e a revogação do Edito de Nantes, mostram os mesmos registros. O *Psautier* de Marot e a *Bíblia* – mas parece que esta jamais foi, pelo menos na França, universalmente possuída – vieram coroar o edifício. Na intenção dessa formação cristã, desenvolvem-se, a partir do século XVI, as

pequenas escolas (paroquiais na França do Norte, mais freqüentemente municipais naquelas do Sul) e, no final do século XVII, as escolas de caridade.

Os instrumentos de base dessa escolarização são heteróclitos. A inspeção de todas as escolas de meninos do Reino organizada por Guizot, em 1833<sup>25</sup> permite avaliar a situação escolar da França rural, antes que resvale na modernidade. Ela permite imaginar o que deveriam ser as pequenas escolas do século XVIII. Os livros usados em suas classes foram recenseados com cuidado. A maior parte deles são obras vindas diretamente do século anterior. Nas escolas mais pobres, utilizam-se em geral os *Évangiles* ou *Histoire Sainte* (aquela do abade Fleury que, data-da do século XVIII, tem sempre grande renome), um abecedário ou um silabário, o catecismo da diocese. Para as escolas que recebem crianças de famílias menos pobres, acrescentam-se uma gramática francesa (aque-la do Lhomond) e, mais raramente, uma aritmética e, às vezes, uma história da França (aquela de Le Ragois, por exemplo). Essas últimas obras pertencem sobretudo à tradição das pensões particulares e só fo-ram divulgadas tardiamente nas pequenas escolas no século XVIII, e em algumas somente após a Revolução, e ainda mais nas cidades do que no campo.

Vê-se assim que a panóplia de livros escolares em uso nos diferen-tes tipos de classe do século XVIII está longe de ser uniforme e que um contínuo regular conduz os “usos” da diocese (isto é, o conjunto de livros necessários à vida cristã) aos livros que teriam apenas um objeti-vo explicitamente didático. Examinar a relação dos editores de Troyes com a escola e seus instrumentos supõe, portanto, que se amplie a in-vestigação para além dos abecedários.

---

25 A. N., F17\*80-160. Essa enquete está sendo examinada no Service d'histoire de l'éducation, Paris, INRP/CNRS.

## Os impressores-livreiros de Troyes, editores de gramáticas latinas

Em Troyes, em 1700, no momento da enquete organizada pelo abade Bignon<sup>26</sup>, apenas Jacques Febvre imprime “clássicos”: fábulas de Fedro, latinas e francesas, fábulas de La Fontaine, em latim e em francês (elas são, freqüentemente, admitidas como traduções de Fedro e, então, destinadas aos alunos dos colégios), Cícero, Virgílio e Ovídio. Isso não o impede de fazer também abecedários e livros de salmos para seu cliente parisiense, o livreiro Musier. Seus confrades contentam-se, fora das produções tradicionais de Troyes, com os alfabetos e os livros de “usos” para crianças (salmos, horas, catecismos da comunhão). Briden, no entanto, o impressor do bispado, não parece ser mais especializado do que os outros nesse domínio. É o sinal de que a produção não é somente destinada ao comércio local. A partilha dos papéis parece então clara.

Será mesmo verdade? No levantamento das “mercadorias encontradas na loja” do inventário realizado na empresa de Oudot, em 1722<sup>27</sup>, nota-se, além de livros de piedade, dos abecedários e dos de civilidade, aos quais voltaremos, “4 Dispostaires encadernados em pele de carneiro e 3 outros também encadernados em pele de carneiro”. É necessário ler aí sete exemplares da famosa gramática latina de Despautère<sup>28</sup>. Como explicar a presença nesses lugares do livro de base das classes de gramática dos colégios depois do começo do século XVI?

26 Claude Lannette-Claverie, op. cit.

27 A. D. Aube, 2E 11/53 – minutes Jolly.

28 Sobre a obra gramatical de Despautère, ver as páginas que lhe são consagradas em Jean Claude Chevalier, *Histoire de la syntaxe. Naissance de la notion de complément dans la grammaire française (1530-1750)*, Geneve, Droz, 1868. Sobre a história da transformação em livro desse texto, ver Louis Desgraves “Contribution à la bibliographie de J. D.”, *Mémoires de la Société d’Histoire de Comines – Warneton*, 7, 1977, pp. 385-403; e Jean Hébrard, “L’évolution de l’espace graphique d’un manuel scolaire: le *Despautère* de 1512 à 1759”, op. cit.. Sobre o homem e suas ligações com o meio humanista, pode-se consultar Constant Matheeußen, “À propos d’une lettre inconnue de Despautère”, *Lias*, 4, 1977, pp. 1-11. Sobre os usos da gramática de Despautère nos colégios do século XVI, ver Liesel Franzheim, “Das Gymnasium Tricornatum und sein Lateinunterricht um die Mitte des 16.

As sete partes dessa obra (*Rudimenta, Prima pars, Syntaxis, Ars versificatoria, De figuris, Ars epistolica, Orthographia*) foram redigidas pelo gramático de Flandres, Van Pauteren, e impressa em Anvers, Paris, Bergues ou Strasbourg, entre 1511 e 1519, em geral no formato *in-4º*. Parece que Josse Bade tenha sido o principal editor dessa coletânea que veio pôr fim ao reinado, há muito tempo sem partilha, de Donat, ou da *Doctrinale puerorum*, de Alexandre de Villedieu. Depois dele, Robert Estienne, em 1537, reúne esses diferentes livros em um único in-fólio.

Não obstante, nesse meio tempo, um regente do colégio de Coqueret, que se tornará o reitor do colégio de Tournon, Jean Pellison, decide reduzir esse vasto conjunto em um “breviário”, em formato *in-8º*, que não compreende mais que as quatro partes mais frequentemente utilizadas nos colégios: a *Prima pars*, na qual se encontram as principais declinações e as conjugações, a *Syntaxis*, a *Ars versificatoria* e o *De figuris*, isto é, o essencial do programa de gramática e de composição latina das sucessivas classes do colégio. São os impressores de Lyon, em particular Sébastien Gryphe, que, entre 1530 e a primeira metade do século XVII, permanecem especialistas desse modelo.

Uma nova versão nasce em Paris, em 1584, na empresa Buon, mas rapidamente se encontrava nas lojas de Lyon. Dessa vez, é Gabriel Dupréau, titular da cadeira de teologia do colégio de Navarre, que se encarrega da adaptação e não deixa de dar uma versão francesa de cada regra em versos latinos da versão inicial. Está aí a primeira aparição de um uso deliberado das línguas vernáculas, o qual os editores ou adaptadores não renunciarão.

A terceira adaptação, aquela que será precisamente copiada pelos editores de Troyes, é a obra de Jean Behourt, de Rouen, que dirige o

---

Jahrhunderts”, *Jahrbuch des Kölnischen Geschichtsverein*, 48, 1977, pp. 139-150 que dá indicações para o espaço renano. O estudo mais surpreendente acaba de ser publicado. Trata-se da edição e da análise minuciosa do caderno do estudante, da primeira metade do século XVI, conservado na Biblioteca Histórica da Cidade de Paris. Ver Jean-Claude Margolin, Jan Pendergrass, Marc Van der Poel, *Images et lieux de mémoire d'un étudiant du XVI siècle. Étude, transcription et commentaire d'un cahier de latin d'un étudiant néerlandais*, Paris, Édition de la Maisnie, 1991.

colégio dos *Bons-Enfants*, entre 1586 e 1604, depois de ter dirigido uma próspera pensão privada<sup>29</sup>. A primeira edição conservada de seu trabalho foi impressa em Rouen, na G. de La Haye, em 1620. O uso da língua vulgar é nela generalizado. Um recorte muito minucioso do texto tende a facilitar a sua memorização. Ele é dedicado – hábil precaução – aos padres da Companhia de Jesus que mantêm na mesma cidade, desde 1593, o colégio *Bourbon*, principal e eficaz concorrente dos *Bons-Enfants*. Os editores da Normandia (Caen e Rouen) como os de Lyon, os que particularmente têm o hábito de imprimir para grande circulação, mantêm esses títulos por longo tempo em seus catálogos. A última edição conservada na Biblioteca Nacional é datada de 1759.

Uma última versão do *Despautère* aparece no Charles Savreux, em Paris, em 1663. O adaptador anônimo que se encarrega da revisão do texto, modificou-o profundamente, redigindo em uma língua menos arcaica tudo o que achava muito “obscuro”. Ele escolheu imprimir, ao mesmo tempo que o texto, as glosas habitualmente ensinadas aos alunos pelo regente no momento da *praelectio*. Além disso, ele faz a tradução, palavra por palavra, da frase latina e, por um engenhoso sistema de letras localizadas sob a linha, dá a ordem na qual se deve reconstruir a frase latina para encontrar a frase francesa correspondente. Esse modelo será utilizado durante todo o século XVIII e generalizado em todas as gramáticas pelo Du Marsais, a partir de 1722<sup>30</sup>. É o sinal de uma inegável diminuição das capacidades dos alunos de ler o latim.

A presença de um *Despautère* na oficina de um dos grandes editores de Troyes da *Bibliothèque Bleue* é particularmente interessante. Seguramente, ela não é suficiente para fazer dos Oudots livreiros especializados no fornecimento dos colégios (não se encontra na sua oficina qualquer exemplar dos clássicos latinos ou gregos), mas ela é um sinal de que o mercado das regências latinas e talvez aquele dos colégios não

---

29 Marie-Madeleine Compère et Dominique Julia, *Les Collèges français, XVIe-XVIIIe siècles*, vol. 2, *Répertoire France du Nord et de l'Ouest*, Paris, INRP et CNRS, 1988, Notices Rouen, collège des Bons-Enfants et collège de Bourbon.

30 Jean Hébrard, “L'exercice de français est-il né en 1823?”, *Études de linguistique appliquée*, 48, 1982, pp. 9-31.

sejam estranhos aos editores da Champagne. Existe na Biblioteca Nacional um exemplar de um *Despautère* impresso nos Oudots<sup>31</sup> em 1666. É a versão de Behourt que foi escolhida por Nicolas Oudot (um dos netos do fundador da dinastia) quase meio século depois de sua primeira aparição. Encontra-se também, de um outro editor de Troyes, Jean Le Febvre, uma edição mais tardia e simplificada da mesma série intitulada *Le Petit Behourt*<sup>32</sup>. Ela data de 1710, mas é cópia idêntica de uma obra impressa em Paris na oficina da viúva Thiboust et P. Esclassam, de 1674.

Dois exemplares não são suficientes para se ter uma certeza<sup>33</sup>. Eles mostram, entretanto, que os editores de Troyes – mas também, certamente, os outros editores que trabalhavam para a venda ambulante – não desconheciam um dos instrumentos mais típicos da formação latina, dado nos colégios (aquele de Troyes tinha uma excelente reputação) ou nas instituições mais modestas, como as regências latinas. Essa que foi uma das versões que ocupou o mercado mais tardiamente, mas também por muito tempo, reafirma-nos a idéia de que os Oudots puderam ter algum interesse pela possibilidade que oferecia ainda o mercado do latim escolar no século XVII e mesmo no século XVIII. Evidentemente há aí uma pesquisa mais minuciosa a fazer.

## Os impressores-livreiros de Troyes, editores de aritméticas?

A segundo corrente constitutiva da cultura escolar moderna, aquela proveniente da tradição mercante e dos mestres de escrita e aritmética,

31 *Grammatica Joannis Despauterii... in commodiorem... usum redacta... Adjecta est... gallica versuum Despauterii interpretatio per Gabrielem Prateolum necnon etiam latinae linguae cum graeca collatio necnon quantitatis fusior... explicatio per Joannem Behourt... Additur libellus de bello grammaticali, per puncta divisus*, Trecis, N. Oudot, 1666, 668 p. [B.N.X. 8.356].

32 *Le Petit Behourt ou le Nouveau Despautère, contenant les fondemens de la langue latine... divisé en trois parties*, Troyes, Jean Le Febvre, 1710.

33 Uma enquete análoga poderia ser feita sobre as semelhanças entre as coletâneas de lugar-comum utilizadas nos colégios, após o século XVI, e os *Fleurs de bien dire*, impressos pelos editores de Troyes.

também não deixou indiferentes os impressores de Troyes. Como duvidar se, seguindo Jean-Paul Oddos<sup>34</sup>, se faz das prensas de Lyon e, mais particularmente, de Benoît Rigault (ativo entre 1555 e 1597) o berço da Bibliothèque Bleue. É, efetivamente, esse impressor de Lyon que recolhe, nos últimos anos do século XVI, uma linhagem de tratados aritméticos em língua vulgar, nascida nos Países Baixos no decênio de 1500, e remanejada tanto em Lyon como em Paris, ao longo de todo o século XVI.

Ora, essas aritméticas de mercadores se encontram nos fundos dos impressores de Troyes, a partir da metade do século XVII, e é possível reconstituir o caminho que as conduziu das prensas holandesas para as prensas da Champagne.

Com efeito, Wouter Nijhoff e Maria Elizabeth Kronenberg<sup>35</sup> assinalam na *Nederlandsche Bibliographie van 1500 tot 1540* um pequeno tratado anônimo de 48 fólios *in-8º* impresso em 1508 por Thomas van der Noot, em Bruxelas, cujo longo título mostra seu conteúdo: *Die maniere om te leeren cyffren / na die rechte consten Algorismi. / Int gheheel ende int ghebroken / Tafel der multiplicatien*. A biblioteca universitária de Amsterdã conserva, por sua parte, uma versão impressa por Willem Vosterman, em Amsterdã, por volta de 1510, de uma obra quase idêntica intitulada *Die maniere om te/leeren cyfferen ende rekenen metter pennen / end metten penningen na die gherechte / consten Algorismi...* Um *Kalengier ende die maniere om te leeren cijfferen* poderia ter sido impresso em Anvers por Jan Seversz em 1527 (assinalado por Nijhoff et Kronenberg). Desde 1529, o tratado é traduzido para o francês por um editor holandês. A biblioteca da Universidade de Harvard,

34 Jean-Paul Oddos, “Simples notes sur les origines de la Bibliothèque Bleue”, *Quaderni del seicento francese*, vol. 4, *La “Bibliothèque Bleue” nel seicento o della letteratura per il popolo*, Bari, Adriatica et Paris, Nizet, 1981, pp. 159-168.

35 A tentativa de genealogia sobre a qual nos debruçamos aqui apóia-se no repertório de livros dos mercadores europeus elaborado sob a direção de Jochen Hoock et Pierre Jeannin, *Ars marcatória: Handbücher und Traktate für den Gebrauch des Kaufmanns, 1470-1820; eine analytische Bibliographie in 6 Bänden*, Paderborn, Verlag Ferdinand Schöningh, 1991, Band 1, *1470-1600: mit einer Einführung in deutscher und französischer Sprache*, 1991.

em Cambridge (Massachusetts), conserva um pequeno *in-8º* de 52 fólhos impresso em Anvers por Martin Lempereur para Willem Vosterman, em 1529, e intitulado: *La Manière / pour apprendre à cyfrer, et compter par / plumes et gects selon la vraye science de / Algorime en nombre entier et rompu*<sup>36</sup>. É esse texto que é copiado e adaptado pelos impressores de Lyon por volta de 1535. Encontra-se na British Library *La vraye / manière pour apprendre a / Chiffre & compter / par plu / me & gectz: selon la science de / algorisme en nombre entier / & rompu: fort facile à appren- / dre a toutes gens / tant pour / lart darismetique que par / les questions & exemples: / cy dedans insérés & corrigés*, impresso por Claude Veycellier em um formato *in-12º*, contando com 96 fólhos. A última versão holandesa (*Die maniere omte leeren Cijfferen*, Anvers, Jan van Ghelen, 1569) parece ter registrado os adendos da edição francesa porque essa ganha uns 30 fólhos em comparação às versões *in-8º* anteriores.

Desde então, essa aritmética conhece dois destinos editoriais paralelos, certamente cruzados por vários momentos de sua história, um em Lyon, outro em Paris. Em Lyon, reencontra-se o traço do pequeno tratado em três impressores da cidade. Cada deslocamento é ocasião para um adendo ou uma mudança de título. Depois de Claude Veycellier, Thibault Payen, um dos grandes impressores humanistas de Lyon dá, em 1548, um *in-8º* de 80 fólhos: *L'Arismetique et Maniere de Apprendre à Chiffre & Compter, par la Plume et par les Getz ... très utile à toutes gens, de nouveau reveve & Corrigée*<sup>37</sup>. Benoit Rigaud, especializado em pequenos formatos de grande circulação, imprime o texto, por sua vez, em 1588 e em 1594, sob o título *Arismetique / Facile A Apprendre / A Chiffre Et / Com- / pter par la plume & par les / Gects: tres-utile à / toutes gens. / Ensemble plusieurs excellentes sentences moralles, faictes par quatrains, & ordre al - / phabetique: Auec la maniere / de taillerla plume. / Nouuellement reueuë & corrigee*. O formato reduziu-se ainda

36 Um exemplar incompleto encontra-se também na Biblioteca Nacional em Paris (Imprimés, Rés. PV338).

37 Friedrich W. A. Murhard (*Literatur der mathematischen Wissenschaften*, Bd. 1, Leipzig, 1797) aponta uma edição do mesmo impressor em 1555. Ela não parece ter sido conservada.

mais, uma vez que os 83 fólhos são agora apresentados em *in-16°*. Pela primeira vez em Lyon, e seguindo uma lição de uma edição parisiense surgida nesse meio tempo na oficina de Jean Ruelle, é de se notar que a *Manière* é explicitamente apresentada como um livro destinado à escolarização das crianças ou dos adolescentes. Com efeito, os “*Quatrains*”<sup>38</sup> exaltados pelo título são no estilo daqueles que Mathurin Cordier publicou alguns anos antes no seu *Miroir de la jeunesse*<sup>39</sup>. Eles constituem, entre os séculos XVI e XVII, um dos modelos mais freqüentemente utilizados pelos regentes para treinar as crianças na leitura e na escrita<sup>40</sup>. Eles lembram também os *Quatrains de Pybrac* editados pelos Oudots desde 1737<sup>41</sup>. O pequeno tratado de afiar a pluma que

38 Estrofes ou pequenas poesias de quatro versos (nota das tradutoras).

39 Uma edição de Rouen do tipo *Bibliothèque Bleue* é apontada por Geneviève Bollème na sua *Bible Bleue. Anthologie d'une littérature "populaire"*, Paris, Flammarion, 1975, sob o título *Le Miroir de vertu et chemin de bien vivre, contenant plusieurs belles histoires, par quatrains et distique moraux, le tout par Alphabet*, da oficina de Théodore Reinsart, em Rouen, em torno de 1587.

40 Os *Quatrains de Cordier* foram largamente utilizados nas classes de abecedários dos colégios protestantes. Benoit Rigaud é, portanto, um dos primeiros impressores-livreiros de Lyon a se engajar do lado da Contra-Reforma. Ver Natalie Zemon Davis, “Le monde de l'imprimerie humaniste: Lyon”, *Histoire de l'édition française*, sous la direction de Roger Chartier et Henri-Jean Martin, t. 1, *Le livre conquérant. Du Moyen-Âge au milieu du XVIIe siècle*, Paris, Promodis, 1982, pp. 255-278. Sobre os usos dessa aritmética nos meios protestantes de Lyon no século XVI, Natalie-Z. Davis, *Les Cultures du peuple. Rituels, savoirs, résistances au XVIe siècle*, Paris, Aubier, 1979, pp. 308-365.

41 *LES/ QUATRAINS / DU SEIGNEUR/ De PYBRAC, / CONSEILLER DU ROY / en son Conseil Privé. / Contens preceptes & enseignemens / profitables pour tous Chrétiens. / Avec les Quatrains du Président FAVRE. / Ensemble les Quatrains de la vanité du Monde. / Le tout reveü, corrigé, & augmenté des / Tablettes ou Quatrains de la Vie et de / la Mort, par P. MATHIEU, Conseiller du Roy. / A TROYES, / Chez la Veuve de JACQUES OUDOT & / JEAN OUDOT fils, Imprimeur-Libraire, / ruë du Temple. 1737. / Avec Permission.*, conservada na Biblioteca Municipal de Troyes [B.B.108]. Outras edições na forma de livro de cordel: de Jean Musier (em Troyes e em Paris), de 1700, da viúva Nicolas Oudot, em Troyes e em Paris, s.d. Encontra-se também menção desse *Quatrains* em um catálogo da viúva Jacques Oudot e no da viúva Nicolas Oudot. Lembremos que os *Quatrains de Pybrac* foram publicados pela primeira vez com o título *Cinquante quatrains, contenant préceptes et enseignemens utiles pour la vie de l'homme, composés à l'imitation de Phocolidès, Epicharmus et autres poëtes grecs*, em 1574, por Jean de Tarnes, em Lyon (uma edição no mesmo ano, em Paris).

acompanha remete-se sobretudo à cultura tradicional dos mestres de escrita e aritmética. Pierre Rigaud reedita a versão da *Aritmética* proposta por Benoît em 1607 e 1613.

De Paris, quatro edições foram conservadas: duas dos Jean Ruelle, de 1556 e de 1563; uma de Pierre Ménier, de 1585; e uma de Nicolas Bonfons, de 1598. Todos estes são especialistas da impressão em língua vulgar, destinada a um público maior. Jean Ruelle retoma a primeira versão de Thibault Payen (Lyon), juntando-a com *Plusieurs questions par exemples pour faire la science plus facile & plus legiere a comprendre*. David Eugène Smith<sup>42</sup> acredita ver nessa versão a mão do aritmético Antoine Cathalan. Nada o permite confirmar. Tanto Paris como Lyon, nesses anos, contam com numerosos aritméticos de grande talento, na sua maior parte antigos alunos ou continuadores de Nicolas Chuquet<sup>43</sup>, de Lyon, que podem ter se engajado em um dos ateliês de impressores, para remodelar incessantemente o texto holandês. Ruelle parece ser, no mais, o primeiro a utilizar, em sua edição de 1563, o título que será retomado pelos editores de Troyes (*Instruction / De L'Arismetique Faci- / le à apprendrea chiffrer & compter / par laplume, & et par les Gectz, tresuti- / le à toutes gens ...*) e a ela juntar os *Quatrains de Pybrac* e a maneira de afiar a pluma para fazer um manual em função dos alunos dos mestres de escrita (*Ensemble plusieurs / excellentes sentences moralles, faitcz / par quatrains & ordre alphabetique. / Avec la maniere de tailler la plume. / Nouvellement reveu & corrigé*). É verdade que esses últimos estão a ponto de obter as cartas patentes que os instituirão, em 1570, em corporação.

---

42 David Eugene Smith, *Rara Arithmetica. A catalogue of arithmetics writing before the year MDCI with a description of those in the library of George Arthur Plimpton of New York*, New York, 1970.

43 Graham Fleg, Cynthia Hay, Barbara Moss, *Nicolas Chuquet, Renaissance Mathematician. A study with extensive translation of Chuquet's mathematical manuscript completed in 1484*, Dordrecht, D. Reidel Publishing Company, 1985 pp. 291-330. Nicolas Chuquet, brilhante matemático, é um dos mestres escrivães de Lyon, do fim do século XV, e com esse título ganha sua vida como seus confrades, fazendo contabilidade e correspondências dos mercadores, e ensinando a caligrafia e a aritmética (G. Fleg et al., op. cit., pp. 14-15).

Ora, são bem estes os instrumentos dos mestres de escrita e aritmética (aritméticas, livros de ortografia e epistolários) que estão ainda presentes, dois séculos mais tarde, nos inventários dos editores de Troyes. Assim, em 1722 nas oficinas dos Oudots<sup>44</sup>, podem-se encontrar 18 dúzias de aritméticas, um lote de 163 dúzias de livretos nos quais estão misturados tratados de ortografia e *Bâtiment des receptes* (essa última obra sendo uma coletânea de preparações meio medicinais, meio mágicas). Aliás, os *Secrétaires français* e os *Secrétaires à la mode* estão ainda em folhas não dobradas, no sótão.

Restringindo-se às aritméticas, que se trate da *Instruction* de Jean Ruelle ou da *Arithmétique facile* de Benoît Rigaud, o modelo em que se inspiram os editores de Troyes está disponível desde 1563, em Paris, e desde de 1588, em Lyon. Foi necessário esperar até 1670, ou seja, um século mais tarde, para que essa aritmética aparecesse nos catálogos da Champagne, isto é, mais de 60 anos depois da aparição dos livros de cordel. Pode-se concluir que esses livretos de aprendizagem da aritmética, tão populares nas cidades mercantes do fim do século XVI, foram abandonados durante toda a primeira metade do século XVII, antes de ser retomada pelos editores de Troyes, no formato da Bibliothèque Bleue? Sabe-se hoje que, entre os produtos editoriais, qualquer que tenha sido sua difusão, as obras escolares são frequentemente as menos bem conservadas. Convém, portanto, ser prudente.

Efetivamente, uma vez instalado o título nos catálogos, são dois tipos de aritmética que coabitam na Bibliothèque Bleue e isso ocorre tanto nos catálogos dos Oudots quanto dos Garniers. Encontram-se *Instructions de l'arithmétique*, diretamente plagiadas das obras de Lyon ou de Paris, mas também *Arithmétiques nouvelles* que se diferenciam muito e não parecem se inscrever na mesma tradição.

A primeira *Instructions de l'arithmétique* de Troyes preservada – ela está hoje na Biblioteca Sainte-Geneviève em Paris<sup>45</sup> – foi impressa

---

44 Inventaire après décès de Jacques Oudot, 17 juillet 1722, A. D. Aube, 2 E11/53 minutes Jolly.

45 Sobre a aritmética de Nicolas Oudot, ver J. Linet et D. Hillard, *Bibliothèque Sainte-Geneviève, Paris, Catalogue des ouvrages imprimés au XVI<sup>e</sup> siècle. Sciences, techniques, médecine*, K. G. Saur, Paris, Munich, New York et Londres, 1980, notice n. 1.084.

por Nicolas III Oudot, em 1670. Uma *Arithmétique nouvelle dans sa véritable intelligence* (Biblioteca do Arsenal) é proposta por Anne Havard, viúva de Jacques Oudot, datada de 1725. Trata-se certamente da mesma obra que é assinalada no inventário de 1722. O catálogo da mesma Anne Havard oferece uma “Arithmétique à la plume et par pet. in-8<sup>o</sup>” assim como uma “outra pequena aritmética” que poderiam ser as copiadas da *Instruction...* de 1670 (ela é dividida em duas partes: aritmética algorítmica pela pena e aritmética abacista) e a *Arithmétique nouvelle*, de 1725, efetivamente mais modesta. A viúva Nicolas Oudot, instalada em Paris e ativa entre 1670 e 1718, propõe em seu catálogo uma “pequena aritmética” e um “livro de aritmética, grande”.

Na oficina dos Garniers, alternam-se também dois tipos de obras: uma *Instruction de l'arithmétique* que se encontra pela primeira vez no ateliê de Pierre I Garnier em 1738 (Biblioteca Municipal de Troyes) e uma *Arithmétique nouvelle en sa perfection* (Biblioteca Mazarine) que só é encontrada em 1750, na casa de sua viúva, Élizabéth Guillemillot. Essas duas obras se encontram com seus sucessores e seus colaterais até a Revolução. A última *Arithmétique en sa perfection* importante encontra-se no catálogo da “Cidadã Garnier” que utiliza esse endereço de 1795 até o ano XII.

As *Instructions de l'arithmétique* são muito parecidas quer venham de uma ou outra casa de edição. São pequenos *in-16<sup>o</sup>* relativamente compactos (80 fólios na versão dos Oudots, 119 páginas na dos Garniers) que têm em comum a péssima qualidade científica, ainda degradada nas edições mais tardias. Elas pertencem estritamente à tradição dos mestres de escrita e aritmética, como comprova a comparação que se pode fazer com os cadernos manuscritos redigidos por seus alunos, que estão hoje conservados no Museu Nacional de Educação de Rouen<sup>46</sup>. Elas são efetivamente plagiadas das obras de Lyon ou de Paris já citadas. Entretanto, elas não guardaram, nem da tradição manuscrita, nem da tradição impressa, a relativa boa composição dos textos. Compostas mani-

---

46 Serge Chassagne, “Comment apprenait-on l'arithmétique sous l'Ancien Régime?”, *Mélanges Lebrun*, Rennes, Université de Rennes II, 1989.

festadamente pelos operários que, seja por não dominarem essa ciência, seja pelo pouco interesse de fazer o esforço de rever seu trabalho antes de imprimi-lo, elas suscitam a questão – importante para um certo número de obras da Bibliothèque Bleue – do uso que podia ser feito desses objetos. Tal qual nos chegaram, pode-se ter certeza de que eles não ajudavam quem desejasse aprender a contar. Deve-se propor a hipótese de que elas pertencem (como as “Secretárias”) a um gênero muito específico da produção de Troyes que poderia ser situada do lado do exotismo cultural? Uma aritmética errônea ou uma coletânea de cartas obedientes a todos os critérios do epistolário precioso não trariam àqueles que as compram e não sabem, aliás, nem contar, nem escrever, outras satisfações que não as utilitárias?<sup>47</sup>

As *Arithmétiques nouvelles*, quer venham das oficinas dos Oudots ou dos Garniers são também aparentadas entre si, apesar das nuances que separam seus títulos respectivos. Essas “Pequenas aritméticas” são *in-8º* de 24 páginas<sup>48</sup> pelos Oudots e de 16 páginas pelos Garniers. Simplificadas ao extremo em comparação às *Instructions*, desembaraçadas de todas as regras de origem medieval que pesavam nessas últimas, assim como do tratado do cálculo com fichas (ábacos), elas se apresentam como verdadeiras obras escolares suscetíveis de serem os suportes de aprendizagens sérias. Para além da explicação dos princípios da numeração de posição, propõem-se as técnicas das quatro operações e de suas provas respectivas, a regra de três e a regra da companhia (cálculo proporcional que serve para redistribuir os ganhos entre várias pessoas que entram na mesma operação comercial com capitais diferentes). Não se esquece de ensinar o cálculo sobre os números complexos (limitados, porém, àqueles que entram em jogo nas contas financeiras), fornecendo as tabelas das proporções das alíquotas de 20, para a redução da *livre* em *sols*, e de 12, para a redução dos *sols*

---

47 Sobre essa hipótese do uso não funcional dos livros práticos da Bibliothèque Bleue, ver Roger Chartier “Des ‘Secrétaires’ pour le peuple? Les modèles épistolaires de l’Ancien Régime entre littérature de cour et livres de colportage”, op. cit.

48 Na verdade, um caderno *in-8º* de 16 páginas seguido de um caderno *in-4º* de 8 páginas impressas sobre uma meia-folha.

em *deniers*. O fato de o livreto terminar com os modelos de cartas que um filho pensionista ou, segundo as versões, que uma filha escreve a seu pai deixa supor que esses textos podem ter sido destinados a alunos das pensões particulares ou pensões religiosas. O primeiro exemplar conservado desses tipos de opúsculos data de 1703 e foi impresso em Annecy, por Humbert Fontane (Biblioteca Municipal de Grenoble). Foi necessário esperar até 1725 para encontrar exemplares conservados impressos em Troyes<sup>49</sup>. Esse gênero de aritmética pertence, pois, inteiramente ao século XVIII. Nós não temos ainda condição de retrazar sua genealogia<sup>50</sup>. A produção aritmética dos séculos XVII e XVIII é muito vasta e não permite aproximações fáceis como aquelas dos séculos XV e XVI.

Uma hipótese é tentadora. É no primeiro decênio do século XVIII que o conflito entre os mestres de escrita e aritmética e os Irmãos das

---

49 *L'arithmetique / nouvelle / dans sa veritable intelligence / Où l'on peut en peu de tems, & / même seul, apprendre à compter, / chiffrer, calculer sans Maître / & sans jettons, toutes sortes de / sommes. / Mise dans une facilité toute parti- / culière, dans cette dernière / Édition augmentée. / M. DCC.XXXV.* Um exemplar dessa edição está conservado na Biblioteca do Arsenal [8oS.13.069].

50 Dois tipos de títulos se encontram freqüentemente e designam, na verdade, o mesmo objeto: *L'Arithmétique nouvelle dans sa véritable intelligence* e *L'Arithmétique nouvelle dans sa véritable perfection*. A primeira está com os numerosos editores provinciais do livro escolar (Annecy, Humbert Fontane, 1703; Troyes, Jacques Oudot, 1725; Épinal, Hubert Moralier, 1741; Toulouse, A. Navarre, s. d.). Em 1767, aparece com Jean-Claude Hérisant, em Paris, uma edição reivindicada por um autor, o senhor Valette, que certamente produziu acréscimos necessários para obter uma nova permissão (um pequeno tratado epistolar). A segunda está, ela também, com numerosos editores, mas parece ter sido mais produzida que a precedente pelos editores de Troyes, particularmente os Garniers (viúva Garnier, 1750, Citoyenne. Garnier, s.d.; Jean Garnier, s.d.; J.-Ant. Garnier, s.d.; Viúva P. Garnier, s.d.). Esse título continua a sua carreira depois da Revolução com numerosos editores das províncias (Lyon, n., por volta de 1792; Chartres, viúva Deshayes, por volta de 1800; Épinal, Pellerin, s.d. Rouen, Bloquel, 1811; Caen, Chalopin, s.d.; Caen, A. Hardel, s. d.) ou em Paris (P.D.R., an.-V). A partir de 1780, mas jamais com os editores de Troyes, a assinatura do senhor Valette é lembrada e quase sempre completada com aquela de Clavet. Eu agradeço Pierre Jeannin (EHESS) que gentilmente me deixou consultar o seu repertório ainda não publicado para completar as indicações dadas pelos principais catálogos.

Escolas cristãs conhece seu apogeu<sup>51</sup>. Particularmente 1704 é o ano mais rico do processo. A aparição das *Arithmétiques nouvelles* não seria um dos elementos da batalha que leva a congregação a ir contra as corporações? Os Irmãos querem estender a alfabetização caritativa do “ler somente” para o ler, escrever e contar e abrir as escolas congregacionistas às crianças dos primeiros interessados na aquisição desses conhecimentos, os lojistas e os pequenos artesãos das grandes cidades. Não se poderiam confundir estes com os pobres a quem são, normalmente, destinadas as escolas caritativas. Não é senão em 1787 que um tratado de aritmética propriamente de La Salle aparece<sup>52</sup>. Os editores da Bibliothèque Bleue vêm preencher durante um momento a lacuna do dispositivo pedagógico dos Irmãos das Escolas cristãs?

A passagem das *Instructions* para as *Arithmétiques nouvelles* poderia assinalar uma etapa importante na evolução da escolarização das aprendizagens aritméticas. As *Instructions* pertencem a uma cultura, aquela dos mestres escrivães, que está em pleno declínio no começo do século XVIII (a versão dos Garniers é claramente mais cheia de erros do que a versão dos Oudots que data do século XVII). Os chefes de tipografia da Champagne não sabem ou não acham que vale a pena corrigir os erros no momento em que as reimprimem. No entanto, essa mesma tradição, desembaraçada de seus arcaísmos, regenera-se nas *Arithmétiques nouvelles*. Elas parecem destinadas às escolas de congregações ou às pensões particulares do século XVIII para as quais os impressores de Troyes não desdenham sua demanda, sinal de que esse mercado está em expansão e que conta já com numerosos clientes potenciais.

A mesma demonstração poderia ser feita sobre os tratados de ortografia e sobre os *epistolarios* fragmentários que acompanham as arit-

---

51 Yves Poutet, op. cit., t. 2, pp. 77-107; e Georges Rigaut, *Histoire générale de l'institut des frères des écoles chrétiennes*, t. 1, *L'oeuvre pédagogique et religieuse de saint Jean-Baptiste de la Salle*, Paris, Plon, 1937.

52 Trata-se do *Traité d'arithmétique à l'usage des pensionnaires et des écoliers des Frères des écoles chrétiennes*, publicado em 1787, em Rouen, pela viúva Laurent Dumesnil. Sobre esse tratado, Rigaut, op. cit., t. 2, *Les disciples de saint Jean-Baptiste de la Salle dans la société du XVIIIe siècle*, Paris, Plon, 1938, pp. 528-529.

méticas em outra época e nas formas que tomam as mutações que afetam cada um deles.

## Os livreiros-impressores de Troyes à frente da renovação da alfabetização do século XVIII?

Resta explorar a última corrente constitutiva da pedagogia elementar do século XVIII para ver o lugar que nela ocupam os impressores da Bibliothèque Bleue. Trata-se da corrente, nascida das Reformas, que reúne catecismo e alfabetização e que, na França, encontra seu resultado nas escolas de caridade do fim do século XVII.

Ao perseguir esse modelo, é necessário considerar a repartição geralmente feita nas análises de inventários ou de catálogos, entre livros escolares e livros religiosos<sup>53</sup>. No inventário de 1722, entram, de fato, no nosso *corpus* outros livros que não são os livros de salmos e de horas já citados: as *Instructions de la jeunesse*, os catecismos, os *Chemins du ciel* e as *Pensées chrétiennes*, os *Exercices chrétiens*, as *Imitations*, as *Figures de la Bible*, as *Vies de Jésus-Christ*, assim como as vidas de santos e o *Enfant sage*. Vê-se que as cifras de produção dos livros de uso escolar devem ser aumentadas e constituem uma parte muito importante da edição de Troyes<sup>54</sup>.

---

53 Utilizamos aqui um critério simples. São consideradas obras escolares aquelas que estão ainda em uso nas classes da primeira metade do século XIX, no momento da enquete de Guizot, de 1833. Sabe-se que o material escolar não começa a se modernizar antes de 1830 e que a maior parte das obras das quais se servem os alunos do começo da Monarquia de Júlio são as edições do século XVIII. Nosso inventário não arrisca, aliás, de ser aumentado.

54 Retomam-se as contagens efetuadas por Henri-Jean Martin sobre o catálogo Morin e sobre o inventário pós-morte dos Garniers, em 1789 (“Culture écrite et culture orale, culture savante et culture populaire dans la France d’Ancien Régime”, *Journal des savants*, 1975, pp. 245-248), deve-se adicionar, para se ter uma idéia da produção de uso escolar, as seguintes categorias: história santa e escrituras; instrução e edificação religiosa; abecedários, silabários e ortografias; civilidade; aritmética; modelos epistolares, conversações e jogos. Esta última categoria, muito extensa para nós, é equilibrada pelo fato de não termos tomado nenhuma das entradas do grupo “ficção”, por vezes utilizada nas classes e em particular aquilo que se trata

Uma segunda revisão impõe-se logo. Na perspectiva pós-tridentina, a aprendizagem da leitura estava no centro de um processo de escolarização que raramente excedia o estado de uma alfabetização superficial. De todo modo, nas cidades do fim do século XVII – no momento em que a Contra-Reforma se exacerba na luta contra os protestantes, privados da proteção do Edito de Nantes –, entende-se que um esforço didático deveria ser feito para atrair, com maior eficácia, as crianças dos pequenos artesãos e dos pequenos comerciantes para a escola, o que quer dizer para a Igreja. A oferta de uma melhor instrução pode, ao mesmo tempo, aumentar os efetivos escolares e melhorar a educação cristã das crianças<sup>55</sup>.

Conhecem-se bem hoje os três principais modelos que serviram de referência a essa mutação<sup>56</sup>: aquele de Jacques de Batencour<sup>57</sup> que, no quadro da comunidade dos padres de Saint-Nicolas-du-Chardonnet, em Paris, tenta renovar, em 1650, o ensino dado nas pequenas escolas dessa paróquia; aquele de Charles Demia que, em Lyon, entre 1664 e 1685, inscreve seu esforço no quadro paroquial<sup>58</sup>; aquele outro de Jean-Baptiste

---

por contos ou romances de cavalaria. Enfim, esse tipo de reagrupamento nos permite dizer que dessa parte do catálogo Morin (1.389 edições, almanaques excluídos), 19,5% são livros de uso escolar (contra 28,1% para o religioso considerado globalmente e 41,4% para o de ficção). Continuando, no inventário Garnier de 1789, a cifra aumenta ainda mais, pois ela se situa a 34,2% (contra 28,8% somente para a ficção e 42,7% para o religioso).

- 55 Sobre a articulação entre a catequese e a oferta de instrução, o movimento vem ao mesmo tempo da Itália do Norte (Xenio Toscani, “‘Scuole della dottrina cristiana’ come fattore di alfabetizzazione”, *Società e stori*, 26, 1984, pp.757-781) e dos Países Baixos do Sul (Omer Henrivaux, “Les écoles dominicales de Mons et de Valenciennes et les premiers catéchismes du diocèse de Cambrai”, *Aux origines du catéchisme en France*, sous la direction de Pierre Colin, Elisabeth Germain, Jean Joncheray et Marc Venard, Paris, Desclée, pp.144-159).
- 56 Dominique Julia, Marie-Madeleine Compère et Roger Chartier, op. cit., pp. 111-146.
- 57 *L’Ecole paroissiale ou la manière de bien Instruire les enfans dans les petites écoles par un prestre d’une paroisse de Paris*, Paris, Pierre Targa, 1654. Sobre a atribuição deste texto a Jacques de Batencour, ver Yves Poutet, “L’auteur de l’Ecole paroissiale et quelques usages de son temps”, *Bulletin de la Société des Bibliophiles de Guyenne*, 32<sup>o</sup> année, 77, janvier-juin 1963, pp. 27-50.
- 58 Charles Demia, *Reglemens pour les écoles de la Ville et Diocèse de Lyon*, Lyon, chez André Olyer, s.d. (postérieur à 1685).

de la Salle que funda, em 1682, em Reims, a congregação dos Irmãos das Escolas cristãs<sup>59</sup>. Sabe-se também que a obra de Jacques de Batencour, *L'Escole paroissiale* (publicada por Pierre Targa, em Paris, em 1654) certamente influenciou Demia e La Salle e tantos outros criadores de obras de educação depois deles. As inovações de Batencour recaem sobre dois domínios chaves da pedagogia contra-reformada: a catequese e a leitura.

Dominique Julia estudou as modificações trazidas por Batencour no primeiro desses domínios<sup>60</sup>. Retenhamos simplesmente de sua análise o que ele assinala do uso bastante particular que é feito dos impressores do bairro da praça Maubert (perto do colégio da Sorbonne, em Paris) para assentar uma melhor formação cristã nas escolas da paróquia. A catequese é repartida em três tipos de lição: a catequese dominical, que se faz sobre o catecismo da diocese de Paris e tem lugar tanto na escola quanto na igreja; o “catecismo dos mistérios do ano”, que, nas festas litúrgicas, permite iniciar as crianças no ritual particular que caracteriza cada uma entre elas; o “catecismo do último quarto de hora”, que se dá nos dias em que não haviam outros momentos de catecismo, no fim das lições da tarde. As lições excepcionais que preparam as festas litúrgicas são feitas sobre dois tipos de suporte: uma imagem (aquela do santo ou do mistério concernido) que é mostrada e explicada; os “formulários de instrução” nos quais é aprendida a lição. Esses livretos foram compostos por Batencour que, diz ele, os “fez imprimir para esse fim”. Cada um deles é dividido em quatro partes que podem ser separadas e dadas na classe, para grupos diferentes de crianças, segundo o seu grau de avanço. Aprendidos durante a semana que precede a festa, eles são recitados para o mestre na véspera. Batencour previu que os formulários fossem levados para as famílias para que as crianças pudessem mostrá-los a seus pais “como devem fazer na celebração desta festa”. Para o

---

59 Frère Maurice-Auguste, “Conduite des Écoles chrétiennes. Édition comparée du manuscrit dit de 1706 et du texte imprimé de 1720”, *Cahier lasalliens*, 24; e J. B. de la Salle, *Oeuvres complètes*, op. cit.

60 Dominique Julia, “La leçon de catéchisme dans l’*Escole paroissiale* de Jacques de Batencour”, *Aux origines du catéchisme en France*, op. cit., pp. 160-187.

impressor<sup>61</sup>, trata-se de uma folha dobrada *in-4º* ou *in-8º*, segundo o caso, que não é nem costurada, nem encadernada e parece ter sido fabricada na medida das necessidades ou da inspiração de Batencour. É, aliás, como as “folhas clássicas” destinadas aos alunos dos colégios, um impresso de consumo rápido destinado a um uso escolar intensivo bem diferente daquele do manual. A proximidade na qual se encontra Saint-Nicolas-du-Chardonnet do bairro dos gravuristas e dos impressores – eles estão reunidos na rua Saint-Jacques e nas ruelas adjacentes – não é talvez estranha a esse uso tão precoce do impresso na escolarização elementar.

Ora, os impressores de Troyes mantêm relações muito estreitas com esse bairro parisiense. É o caso de Nicolas III Oudot (1616-1692) que trabalha para a livraria Raffié em Paris e, mais ainda, de seu filho Nicolas IV que toma sua autorização na capital após ter aí se casado com Marie Promé e que tem uma loja na rua da Vieille Boucherie, perto da ponte de Saint-Michel, durante toda a segunda metade do século XVII<sup>62</sup>.

As ligações entre os impressores de Troyes – os Oudots, é claro, mas também todos os outros – e as inovações pedagógicas nascidas na comunidade de Saint-Nicolas-du-Chardonnet podem ainda ser mais aproximadas se se considera a aprendizagem da leitura. Partamos dessa vez da produção da Champagne. Materialmente o ABC é um objeto de pequeno formato (*in-16º* ou *in-8º* que, raramente, ultrapassa dez centímetros de altura). Os exemplares do século XVIII foram, em geral, reencadernados pelos colecionadores. Aqueles do século XIX, que provêm do depósito legal na Biblioteca Nacional e que são ainda aí conservados<sup>63</sup>, indicam o que esses livretos podem ter sido. Rapidamente cos-

---

61 Jacques de Batencour diz explicitamente, em *Ecole paroissiale*, ter passado o comando a Pierre Targa que tem uma loja chamada *Au Soleil d'Or*, na rua Saint-Victor bem próxima da igreja Saint-Nicolas-du-Chardonnet. Pierre Targa é também o editor da *Ecole paroissiale*.

62 Louis Morin, *Les Oudot imprimeurs à Troyes, à Paris, à Sens et à Tours*, Paris, Leclerc, 1901; e *Les Fevbre imprimeurs et libraires à Troyes, à Bar-sur-Aube et à Paris*, Paris, Leclerc, 1901.

63 Biblioteca Nacional (X19.675). Este maço foi estudado por Ségolène Le Men em *Les Abécédaires illustrés au XIXe siècle*, Paris, Promodis, 1984.

turados, eles são protegidos por uma capa de cartão colado, de velhas páginas de almanaques, pintada com uma tinta à água que mal cobre o papel, de cor vermelha ou amarela. Para alguns, preferiu-se uma capa de pergaminho. Eles não são, portanto, propriamente falando, os livros de cordel, mas conservam todas suas características: impressos com tipos muito usados que pertencem, freqüentemente, a fundições heterogêneas, mal justificados, compostos em formas irregulares, todos têm um frontispício (às vezes uma última página) feita de xilogravuras tradicionais da Bibliothèque Bleue (*Instrumentos da paixão; O enterro de Cristo; Apresentação no templo; ou ainda a Virgem com a criança do Rafael etc.*). Seu conteúdo é homogêneo. Na primeira parte, muito sucinta, encontram-se diferentes quadros de letras, sinais de pontuação, de abreviações e de ligaduras (em romano e em itálico, em capitais e em caixa baixa, o todo em dimensão decrescente) quase sempre acompanhadas de dez algarismos árabes, enfim, uma polícia de tipos de impressão. Segue-se então um quadro com as sílabas. Na segunda parte, a mais importante em número de páginas, dispõem-se as preces essenciais (oração dominical, saudação angelical, símbolo dos apóstolos, bênção e graças, confissão dos pecados), o texto da missa, os sete salmos da penitência, e as litânias dos santos e da Virgem. Assim, no *Alphabet et Instruction chrétienne* da viúva Garnier (um *in-8°* de seis cadernos, não paginados, sem data, conservados na Biblioteca Municipal de Troyes), somente 6 das 96 páginas são consagradas ao aparelho didático. Todo o resto da obra constitui, na realidade, o repertório mínimo de textos que devem ter sido memorizados pelo catecúmeno fora do catecismo propriamente dito. Portanto, por detrás dessa aparente homogeneidade, escondem-se objetos muito diferentes.

Os abecedários de Troyes podem ser classificados a partir de uma combinação de quatro oposições<sup>64</sup>. A primeira concerne à língua utiliza-

---

64 Eu completo as tipologias propostas por Dominique Julia, a partir de critérios essencialmente tipográficos (“Livres de classe et usages pédagogiques”, op. cit.); e por Ségolène Le Men sobre a do emprego das ilustrações (op. cit.), introduzindo uma nova oposição de tipo fonológico (distinção entre consoantes ordinárias e consoantes líquidas).

da: encontram-se, com efeito, alfabetos latinos ou alfabetos franceses (evidentemente são as preces que revelam uma ou outra língua). A segunda relaciona-se com a ausência ou a presença de uma separação inter-silábica das palavras (essa separação é materializada por um traço ou por um espaçamento, abarcando todo o livreto ou somente a sua primeira parte). A terceira oposição distingue os livretos compostos continuamente em um mesmo tipo daqueles que são feitos com tipos de dimensão decrescente. A última, enfim, é mais propriamente didática e concerne somente ao quadro de sílabas. Este coloca face a face os abecedários que se contentam em compor cada consoante com cada vogal e aqueles que acrescentam a esse quadro de sílabas de duas letras um quadro de sílabas de três letras, constituído pelo conjunto consoante – consoante líquida (como /r/ ou /l/ em francês) – vogal<sup>65</sup>.

Reconhecem-se por detrás de cada um desses critérios os grandes debates pedagógicos do século XVII<sup>66</sup>. Deve-se aprender a ler começando pelo latim ou pelo francês? Convém soletrar cada letra e cada sílaba? Devem-se variar os suportes gráficos de aprendizagem? Sobre qual teoria das sílabas deve-se apoiar? Lembremos brevemente as escolhas feitas por Jacques de Batencour em *Escole paroissiale*. Elas são muito tradicionais<sup>67</sup>. Contrariamente aos reformados e aos jansenistas ou, mais tarde, à decisão que tomará J. B. de La Salle, ele recomenda começar pelo latim. Ele deseja que a ordem letras – sílabas – palavras – períodos seja rigorosamente respeitada e que a criança aprenda a soletrar antes de aprender a ler. Para isso, é necessário que as sílabas sejam

65 Assim, nos quadros do segundo tipo, a série / ta, te, ti, to, tu / é seguida da série / tra, tre, tri, tro, tru/ ou ainda / pa, pe, pi, po, pu / é seguida da série / pla, ple, pli, plo, plu /.

66 Esses debates são inseparáveis daqueles que, com os gramáticos, se desenvolvem depois da primeira edição da *Grammaire de Port-Royal* (1660) e concerne, de uma parte, à descrição fonológica das línguas e, de outra, ao estatuto da sílaba. Ver Adrien Millet, *Les Grammairiens et la phonétique ou l'enseignement des sons du français depuis le XVI<sup>e</sup> siècle jusqu'à nos jours*, Paris, Monnier, 1933; e Sylvain Auroux et Louis-Jean Calvet, "De la phonétique à l'apprentissage de la lecture", *La Linguistique*, 9, 1973/1, pp. 71-88.

67 *Escole paroissiale*, op. cit., pp. 234-253.

separadas “pela largura de um *teston de France*”<sup>68</sup>. Ele recomenda variar os suportes a fim de que seja cada vez mais difícil ler a tipografia: primeiro, um abecedário impresso em “letras comuns, grossas e bem distintas”, em seguida textos impressos em “letras medíocres e legíveis”, depois “os livros em latim mal impressos como os salmos impressos em Rouen ou em Troyes”. No fim desse périplo, pode-se então passar para o francês, mas começando novamente pelos grossos tipos. O único avanço que admite Batencour concerne à teoria fonológica da língua. Ele distingue, evidentemente, as vogais das consoantes, mas toma cuidado de observar entre essas últimas a oposição entre 13 consoantes “mudas” que, diz ele, “apenas soam com vogais” e 4 consoantes “líquidas que podem se juntar com uma vogal e uma consoante para formar uma sílaba”. Essas quatro últimas são /l/, /r/, /m/ e /n/ que, em latim, podem se encontrar nas composições como /ble/, /bre/, /prae/, /mne/, /smi/ etc. Ele recomenda então alocar nos livros destinados aos alunos duas pranchas de sílabas: uma de duas letras, e outra de três. Essa última combina /a/, /e/, /i/, /o/ e /u/ com o conjunto /br/, /bl/, /cr/, /cl/, /dr/, /fr/, /fl/, /gr/, /gl/, /mn/, /pr/, /pl/, /st/, /sp/ e /tr/<sup>69</sup>.

Os abecedários impressos em Troyes efetuam escolhas entre as quatro alternativas descritas anteriormente. No entanto, todas as possibilidades não são exploradas. Somente três combinações parecem ter sido retidas, que caracterizam três tipos de livretos. Os primeiros comportam as preces em latim, sem separar as palavras em sílabas. Eles utilizam abundantemente a diminuição do tipo. Eles têm, em geral, o título *Alphabet et Instruction chrétienne* e não deixam de acrescentar a ele “segundo o antigo uso da Igreja católica”<sup>70</sup>. Majoritários entre os exem-

68 Antiga moeda gravada com a efígie dos reis da França que circulou de 1513 até o reinado de Luís XIII.

69 *Ecole paroissiale*, op. cit., pp. 234-238. Convém destacar que o autor não dá status específico para a letra /s/ alocada na frente de uma consoante (“Às vezes também o/s/ se junta com um /p/, /t/, como /spi/, /sti/”, p. 236), enquanto não lhe falta um lugar no seu quadro de sílabas de três letras. Ao contrário, ele abandona o /m/ líquido para utilizá-lo senão como consoante plena no /mn/.

70 Por exemplo, *alphabet / et instruction chretienne / Pour les petits enfans, / Selon l’ancien usage de l’Eglise / catholique. / A troyes / Chez la veuve Garnier, Imprim.*

plares conservados do século XVIII, eles passam sem obstáculos pela Revolução. Pode-se considerar que eles são prioritariamente destinados às pequenas escolas rurais.

Os segundos são também alfabetos latinos, mas as palavras são divididas em sílabas, e podem ou não aparecer com tipos de dimensão decrescente. Eles têm em seu quadro de sílabas conjuntos de três letras com líquida intercalada. Frequentemente são denominados *Premier alphabet divisé par syllabe* e, para um deles, editados por Mme Garnier (sem data), a página de título precisa “Extrato da Escola paroquial<sup>71</sup>”, fazendo, assim, referência direta ao modelo de Jacques de Batencour. Lembremos ainda que a viúva Nicolas Oudot assinala a seus clientes, em um de seus catálogos, que ela tem à sua disposição exemplares da *Ecole paroissiale*<sup>72</sup>. Infelizmente nenhum exemplar dessa edição de

---

/ Libraire, rue du Temple. Trata-se de um *in-8°* de seis cadernos paginados, sem data (século XVIII), comportando uma xilogravura no frontispício (Circuncisão de Cristo). A Biblioteca Municipal de Troyes possui dois exemplares (BB 167 e BB 837) que têm assinaturas e xilogravuras diferentes. Sempre dos Garniers, um exemplar (BB 882) distingue-se dos precedentes por uma cruz acompanhada dos atributos da paixão que serve de vinheta sob a página de título. Existem numerosos exemplares dessas *Instructions chrétiennes*, com a cota X 19.675, na Biblioteca Nacional (caixa 29).

- 71 Por exemplo, *Premier / alphabet, / divisé / par syllabes, / pour apprendre, avec grande facilite, / les enfans a epeler. / Extrait de l'Ecole paroissiale. / A troyes, / Chez Mme Garnier, Imprimeur- / Libraire, rue du Temple*. Trata-se de um *in-8°*, sem data (século XIX), com dois cadernos, não paginados, comportando duas xilogravuras (uma da Virgem com o Menino [p. 2] e uma da Entrada em Jerusalém [p.16]), recoberta, no lugar da capa, com uma folha de um canioneiro licenciado pintado com vermelho. Ele está conservado na Biblioteca Nacional, cota X 19.675, caixa 24, na companhia de numerosas edições muito próximas.
- 72 Alfred Morin, *Catalogue descriptif de la Bibliothèque Bleue de Troyes (almanach exclus)*, Genève, Libraire Droz, 1974, p. 103. Além da primeira edição feita por Pierre Targa, em 1654, da qual dois exemplares somente foram conservados, encontram-se edições copiadas, ou abreviadas: *Instruction méthodique pour l'école paroissiale dressée en faveur des petites écoles dédiée à M. le Chantre de Paris par MIDB prêtre*, de Trichard, em Paris, 1669 depois em 1685; sob o mesmo título, dos G. Ch. Berton, em Paris, rue Saint-Victor (segundo Dominique Julia, op. cit.). O sucesso do *École paroissiale* ao longo de 1660-1720 leva a crer na existência de um número muito grande de edições.

Troyes da maior reforma educativa do século XVII parece ter sido conservado.

Encontram-se, enfim, livros comportando as preces em francês, divididas em sílabas na sua primeira parte, depois impressas em palavras inteiras em uma segunda parte. Eles utilizam a diminuição dos tipos. Eles são denominados *Nouvel alphabet français divisé par syllabes* e são endereçados freqüentemente, na sua página de título, à “juventude cristã” ou às “escolas cristãs”<sup>73</sup>. Os exemplares conservados pertencem todos ao século XIX, mas pode-se lançar a hipótese de que a introdução desses objetos na produção de Troyes é mais antiga. As referências a esses “alfabetos franceses” não são raras nos catálogos do século XVIII, aqueles da viúva Nicolas Oudot, por exemplo<sup>74</sup>. Dessa vez, é Jean-Baptiste de la Salle e suas “escolas cristãs” que se tornam as referências implícitas dos impressores de Troyes. Assim, como se vê, os produtores da *Bibliothèque Bleue* estão também presentes no coração do debate pedagógico do século XVIII<sup>75</sup>.

Seria preciso recomençar essa demonstração sobre os numerosos modelos de civilidade<sup>76</sup> que os editores de Troyes colocam em seus catálo-

73 Um exemplo tardio: *nouvel / alphabet / en français, / divisé par syllabes, / pour instruire les enfans avec facilite, / a l'usage des ecoles chretiennes. / troyes, / annerandre, imprimeur-libraire de l'evêche, / face a l'hotel de ville, Norst 5 et 7 / 1845*. Trata-se de um pequeno *in-8°* composto por 104 páginas com uma xilogravura (Cristo na cruz) na página 2. Ele é recoberto por um cartão azul e pertence à coleção Louis Morin. Outros exemplares com o mesmo endereço da *Femme Garnier* (século XIX) com a cota X 19.675 da Biblioteca Nacional.

74 “Alphabet François, avec l'Ordinaire de la Messe, et autres prières en François”, citado por Louis Morin, *Catalogue*, op. cit., p. 29.

75 Yves Poutet, “Les livres pédagogiques de Jean-Baptiste de La Salle”, *Revue française d'histoire du livre*, 26, 1980, pp. 29-67.

76 Sobre os *Civilités* da *Bibliothèque Bleue*, ver Roger Chartier, *Lectures et lecteurs dans la France d'Ancien Régime*, op. cit., pp. 45-86; e “Civilité”, *Handbuch politisch-sozialer Grundbegriffe in Frankreich (1680-1820)*, sob a direção de Rolf Reichardt et Eberhard Schmitt, Munich, R. Oldenburg Verlag, 1986, pp. 7-50. Ver também Yves Poutet, “Les livres pédagogiques de Jean-Baptiste de La Salle”, op. cit. Encontra-se uma lista de edições de *Civilité* de Jean-Baptiste de La Salle no n. 19 dos *Cahiers lasalliens*, assim como no Frère Albert-Valetin, *Édition critique des “Règles de la bienséance et de la civilité chrétienne”*, Paris, Ligel, 1956. Lem-

gos (estão no inventário de 1722). Encontram-se sob os títulos *Civilité honnête* ou *Civilité puérile et honnête*<sup>77</sup> livretos compósitos que associam o abecedário e o tratado de ortografia, a aritmética e os preceitos de moral de Pybrac, assim como, obviamente, as regras de conduta social ou religiosa, características desse gênero de obra. Tudo é impresso com os famosos caracteres de civilidade – últimos vestígios de um tipo de gótico cursivo na França – e com as licenças do século XVIII. Também são impressos em Troyes as *Règles de la bienséance et de la civilité chrétienne* de J. B. de La Salle que oferece o mesmo texto do pequeno livro que o fundador das Escolas cristãs havia escrito para a sua instituição. É verdade que estamos agora no começo do século XIX na impressora da viúva André que acumula as funções de impressora do “Monsieur Bispo” e dos “Irmãos das Escolas cristãs”. Entretanto, deve-se lembrar que entre o Primeiro Império e a Monarquia de Julho, esses últimos estão nos postos avançados da inovação pedagógica e que seu método (o “método simultâneo”) será o preferido de Guizot em vez do método das escolas mútuas, apoiado por homens politicamente muito próximos do ministro, quando for necessário modernizar o ensino público<sup>78</sup>.

## Conclusão

Vê-se assim que os livreiros-impressores de Troyes nunca se contentaram em produzir obras escolares marcadas por seu arcaísmo para os circuitos de venda ambulante. Muito pelo contrário, estiveram aten-

---

breiros que a primeira edição desta *civilité* é feita em Troyes, em 1703, por um impressor, François Godard, que tem também loja em Reims, mas ele não é um produtor habitual dos livros de cordel. A primeira edição do tipo Bibliothèque Bleue parece ser aquela da viúva de Nicolas Oudot, em 1716.

77 *Catalogue*, Louis Morin, pp. 67-74. Vinte e quatro edições são recensadas e existem muitas outras em diversas coleções.

78 Christian Nique, *La Petite Doctrine pédagogique de la monarchie de Juillet (1830-1840)*, thèse pour le doctorat d'État, Strasbourg, Université Louis Pasteur, 1987, 2 vols.

tos aos sucessivos debates pedagógicos, adaptaram, sem cessar, sua produção aos avanços da escolarização e tentaram mesmo explorar a possibilidade de trabalhar para instituições que estavam em fase de crescimento, como as pensões particulares ou as escolas de caridade. Se eles abandonam esse mercado no século XIX, apesar dos esforços da viúva André, de Anner e André ou ainda dos últimos Baudot, não é em razão de suas más escolhas editoriais. Continuam, ao contrário, a se interessar pelas proposições da Sociedade pelo Ensino Elementar como por aquelas dos Irmãos das Escolas cristãs – as duas forças de proposições mais importantes do período. Na verdade, suas prensas não lhes permitem mais assegurar para a edição em geral e, particularmente, para a edição escolar, a produção de qualidade e de baixo custo que se esperava nesse começo do século XIX. Para servir a escola pública nascente e oferecer obras em ritmo de milhões de exemplares a cada ano, como exige o Ministro da Instrução Pública, necessita-se de outros meios técnicos e outros meios financeiros de que os últimos impressores de Troyes não dispunham. O tempo dos Oudots ou dos Garniers acabou. É o dos Hachettes que começa.